

DRISCOLL | BABCOCK

bamboo

Judith Lauand Ganha Retrospectiva Em Uma Das Principais Galerias De Arte Contemporânea Em Nova York



Entre os artistas representados pela galeria Driscoll Babcock em Nova York estão Harriet Bart, Wafaa Bilal, Margaret Bowland e Marilyn Dintenfuss. No entanto, sua mais recente exposição, direciona o olhar para um movimento do passado. Em Judith Lauand: Brazilian Modernist, 1950s-2000s, uma das grandes expoentes do concretismo brasileiro é apresentada pela primeira vez nos Estados Unidos, em uma retrospectiva com 33 obras de diferentes épocas. "Percebo uma tendência das galerias contemporâneas em abordar outros períodos", diz Berenice Arvani, galerista que representa Judith no Brasil.

A iniciativa para esta exposição foi da historiadora de arte americana Aliza Edelman. Com Ph.D. sobre a mulher moderna e o expressionismo abstrato, ela se encantou por Judith Lauand não apenas por sua arte, mas também por seu papel como mulher a frente de seu tempo. Judith, nascida em Pontal, interior de São Paulo, em 1922, foi a única mulher do Grupo Ruptura. Se apaixonou pela vida artística quando, muito jovem, foi para Araraquara comprar o tecido para seu vestido de noiva e acabou entrando por acaso no Museu de Belas-Artes. Nunca mais saiu deste mundo. Abandonou o noivo e optou por não constituir família. Até os 88 anos se dedicou aos pincéis, à filosofia e à literatura. Com facilidade para línguas, sempre foi uma devoradora de livros. Hoje, aos 93, não pinta mais - mas Berenice garante que ela ainda tem a mão firme.

"As mulheres daquela época eram praticamente proibidas de pintar e se dedicavam só à família. A turma do Ruptura se reunia em bares, nas casas do [Alfredo] Volpi e do [Waldemar] Cordeiro, e ela era a única mulher", conta a galerista. Mas quando perguntada sobre como se sentia nesta situação, Judith sempre respondeu: "normal". Seu interesse era discutir e fazer arte; era uma pessoa completamente focada na carreira. Não se importava em ser diferente e por isso ignorou todos os preconceitos da

sociedade da época, inclusive do próprio pai. Apesar de feminista, nunca abandonou a feminilidade. Sua geometria não é tão dura quanto a de seus parceiros, como Lothar Charoux. Há harmonia e cores suaves, como rosas e roxos. Algumas obras contam com poesias concretas sobre o amor. Ganhou também um poema em sua homenagem de Augusto do Campos.

Não só o comportamento de Judith era de vanguarda, como o movimento a que pertence foi algo totalmente inovador. E como tudo o que é diferente demais, o concretismo gerou muita rejeição na época. A pintura saiu dos retratos e das paisagens para formas geométricas abstratas. Nos mesmos anos 1950, vieram mais rupturas: no mobiliário, que saiu do colonial para a brasilidade de Sergio Rodrigues, na arquitetura, com Niemeyer e suas curvas, e na moda, que trocou as saias rodadas por vestidos retos. O mundo passava por fortes mudanças de comportamento e o Brasil estava pela primeira vez, com sua produção artística, no mesmo patamar que Estados Unidos e Europa. Mesmo sem internet e com a América Latina na periferia do globo, os artistas daqui estavam alinhados com as tendências internacionais.

Apesar da força do movimento e da qualidade da produção brasileira, a obra de Judith Lauand só começa agora a experimentar o reconhecimento internacional. No ano passado, ganhou exposição na Stephen Friedman, em Londres, e agora, em Nova York. Entre os compradores de ambas, estão museus. "É interessante ver que eles se interessam não apenas pelos anos 1950, quando tudo começou, mas também pelas obras mais recentes", conta Berenice. Talvez pela coerência de Judith através das décadas. Ela até fez algumas experimentações nos anos 1960 com a pop art, mas logo retornou ao concretismo. Nos anos 1970, amadureceu o trabalho com campos de cores. Os 1980 foram uma consequência e assim seguiu até o fim. "É o que ela gosta", conta Berenice. Mas, apesar da regularidade das obras, cada uma delas é única, seja pelas cores, formas ou cálculos matemáticos que a geometria segue.

A matemática, inclusive, era uma de suas paixões. No entanto, nunca foi o principal. A importância era apenas de uma ferramenta para ordenar a emoção de suas pinceladas. É impossível ficar indiferente diante dos quadros de Lauand: as formas abstratas transbordam, ao mesmo tempo, sentimento e racionalidade. Ao vivo, são ainda mais encantadoras, pois se pode notar os pequenos detalhes imperceptíveis nas imagens impressas. "As obras são bem pensadas, de gente que sabia o que estava fazendo. Não é uma artista que pegou alguma coisa no ar. É sempre muito equilibrado", conclui Berenice. Sorte dos americanos, que podem agora conhecer e ver de perto uma boa seleção da nossa dama do concretismo.

